

Perguntar-se sobre o sentido da vida: sim ou não?

Prof. Dr. Jair Militão da Silva¹

Resumo: Este artigo dá prosseguimento a “*Sentido da Vida em perspectiva Interdisciplinar: uma pedagogia para a Descoberta do Sentido da Vida*” (Revista Internacional d’Humanitats, nº 21). Como parte integrante de uma possível pedagogia para a descoberta do sentido da vida deve estar presente o ato de suscitar a pergunta sobre o sentido da vida. As reflexões a seguir procuram abordar o tema da proposição da pergunta, identificando, ao menos, três possibilidades: uma fuga à pergunta, uma forma imprudente de suscitá-la e uma forma prudente de desencadeá-la.

Palavras Chave: educação; sentido da vida; pedagogia da humanização; sujeitos; responsabilidade.

Abstract: This article continues the discussions of: “*Sentido da Vida em perspectiva Interdisciplinar: uma pedagogia para a Descoberta do Sentido da Vida*” (Revista Internacional d’Humanitats, nº 21). The question about meaning of life is an important part of a Pedagogy of Meaning of Life. The article discusses the very question in three of its possibilities: the refuse to ask the question, an imprudent way of posing it and a prudent way of raising that question.

Key words: education; meaning of life; pedagogy of humanization; subjects; responsibility.

Este artigo busca prosseguir as reflexões iniciadas em “*Sentido da Vida em perspectiva Interdisciplinar: uma pedagogia para a Descoberta do Sentido da Vida*”, publicadas na Revista Internacional d’Humanitats, nº 21, jan-jun 2011. Integra, também, um conjunto mais amplo de estudos sobre a melhoria da escola, de modo especial, a pública de ensino básico, no Brasil.

Entre as diversas críticas que são feitas à escola pública de ensino básico em nosso país, uma pode ser considerada persistente: a falta de compromisso com o aluno. Essa crítica generalizada comete injustas avaliações sobre trabalhos meritórios de numerosos educadores. Todavia, o que fica como dominante é a impressão de que estes não voltam suas atenções para aqueles que precisamente deveriam ser o foco de seu olhar. A que se deve essa visão e até que ponto ela é real?

Para responder a estas perguntas torna-se necessário adicionar alguns elementos à reflexão. Um inicial é a constatação de que no Brasil existem variadas escolas públicas de ensino básico, ou seja, não há um padrão uniforme nas escolas brasileiras, ainda que seja possível identificar tendências e características comuns. Desse modo, podem ser encontradas atuações de escolas classificáveis pelos usuários em uma escala bem ampla de variação que iria, certamente, de péssima a ótima. De fato, as escolas sofrem influência da comunidade em que se inserem e a desigualdade social existente na sociedade brasileira, em termos de capacidade política, faz com que haja escolas mais adequadas e outras menos adequadas aos interesses dos educandos e de suas famílias.

Porém, como traço dominante o que se pode perceber é o desagrado dos usuários em relação aos resultados obtidos pela escola de ensino básico. Essas queixas falam de um ensino que não contribui para a vida, de professores que não compreendem e não acolhem seus alunos; de formação insuficiente dos educandos para a entrada no mundo do trabalho. Os próprios docentes reclamam das condições de trabalho, considerando-as inadequadas.

¹ Professor Associado da FEUSP – aposentado. Professor no Programa de Mestrado em Educação da UNICID. Pesquisa, publica, orienta e ensina na área de Políticas Públicas de Educação; Gestão de Empreendimentos Educacionais; Educação Comunitária.

Em síntese, é possível dizer que a escola pública de ensino básico encontra-se em situação de crise que se manifesta sob a forma de queixas dos usuários e dos prestadores de serviço, da violência sentida por educandos e educadores, da sensação de caos generalizado.

Registram-se, pelo menos três tipos de crises bem nítidas:

a) crise de sentido: qual é a finalidade da escola hoje?

b) crise de sintonia: com as necessidades sociais

c) crise de administração: faltam eficácia, eficiência, adequada avaliação de resultados e processos.

Dentre todas estas, sem dúvida, uma das mais graves e fundante, até, das demais, é a falta de sentido do trabalho que se desenvolve nas escolas. Isto gera e manifesta, inclusive, na maioria das vezes, uma grave ausência de sentido para a vida dos sujeitos educativos responsáveis pelo processo escolar.

Como parte integrante de uma possível pedagogia para a descoberta do sentido da vida deve estar presente o ato de suscitar a pergunta sobre o sentido da vida.

As reflexões a seguir procuram abordar o tema da proposição da pergunta, identificando, ao menos, três possibilidades: uma fuga à pergunta, uma forma imprudente de suscitá-la e uma forma prudente de desencadeá-la.

Não perguntar

Uma escuta atenta aos diversos meios de comunicação de massa bem como a algumas formas de expressão de significativo número de pessoas pode revelar um ingente esforço por “distrair-se” de modo a não se permitir perguntar sobre o sentido da própria vida e a dos outros.

Essa situação leva ao que se pode denominar como desumanização, ou seja, a perda de dimensões importantes do humano, entre as quais se destaca a da busca de razões para os atos e fatos da vida humana. O homem precisa de razões e estas precisam apresentar coerência. Quando ocorre a abdicação da coerência e as razões são aceitas sem maior fundamentação o homem está despojando-se de uma qualidade que o distingue dos demais seres e que é precisamente o uso da razão.

A capacidade de difusão da mídia mostra os inúmeros atentados à vida humana, os atos contra a dignidade de homens, mulheres e crianças, a inusitada violência nas disputas mais simples de interesses triviais. Muitos porta-vozes de variados grupos chegam a afirmar a existência de um novo ser, não mais humano, que não reconhece no outro um semelhante, mas tão somente um inimigo que pode e deve ser eliminado quando atrapalhar. Esses “desumanos”, agora adultos, foram crianças e jovens que passaram pelo sistema educativo que, de alguma forma, pode ter contribuído para essa formação.

O tornar-se menos homem atenta contra a dignidade inalienável de cada pessoa.

O apelo por dignidade é uma coisa real, que talvez não tenha sido ainda expressa com força suficiente para tornar-se objeto de uma política pública, entendida como resposta governamental prioritária. Todavia, dirigentes com sensibilidade e experiência humana nas quais a dignidade humana seja um valor, serão capazes de sintonizar-se com esse desejo profundo do ser humano e criar iniciativas que venham a fundamentar a construção de novas formas de convivência social.

O artigo XXVIII da Declaração Universal dos Direitos Humanos, promulgada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948, afirma: “Todo homem tem direito a uma ordem social e internacional em que os direitos e as liberdades estabelecidas na presente Declaração possam ser plenamente realizados”. Esses direitos e liberdades estão fundados na afirmação da dignidade humana como um valor inalienável.

É possível e necessário educar as pessoas para a construção de uma cultura fundada na valorização da dignidade humana. De fato uma cultura mantém-se graças à educação que lhe dá sustentação.

A humanização é o processo pelo qual o homem torna-se homem; torna-se o que potencialmente já anuncia sua constituição. E, entre estas várias potencialidades, a busca de sentido razoável para a vida pode ser considerada cardeal.

Entretanto, fazer a pergunta sobre o sentido da própria vida e a dos outros se apresenta para muitos como algo fora de propósito e mesmo perigoso. E este perigo precisa ser evitado a todo custo.

Mas qual é este perigo, afinal? Parece ser o de descobrir a ausência de qualquer sentido... Ou seja, a descoberta de uma inutilidade ou mera casualidade para a explicação da própria existência.

As diversas formas encontradas para fazer calar este grito latente existente em cada um de nós sobre o significado de nossa vida estão fartamente disponíveis em nossa atual sociedade de espetáculo.

A vida cotidiana da grande maioria das pessoas é organizada de modo a não permitir tempo “ocioso” que permita pensar sobre algo que não seja meramente operacional e tenha a ver com metas bem precisas e limitadas.

O dedicar-se ao trabalho, entremeado de momentos de lazer ou “distração”, preenche o tempo todo das pessoas que se entregam a esse estado de não reflexão. Os momentos de ausência de ocupação são vivenciados como algo doloroso e sem sentido. Os descansos semanais, as férias anuais, a aposentadoria são tolerados apenas como forma de recuperação de energia para a volta ao trabalho.

A esta situação de fato ajunta-se um juízo de valor que passa a ver como desocupado e, portanto, de menor valor em nossa sociedade, aquele ou aquela que se “dá ao luxo” de ter tempo para se perguntar sobre o sentido de sua própria vida. Isso seria sintoma de que a pessoa não está trabalhando o que deveria e, desse modo, estaria subtraindo de outra alguma energia ou tempo.

Viver adequadamente, neste contexto, é não precisar pensar; é estar tão ocupado que não tem tempo para pensar no sentido da própria vida; vive uma vida tão intensamente ocupada – entendida como sinônimo de vida útil – que não precisa e nem pode fazer certos tipos de pergunta, entre as quais sobre o sentido da vida.

Todavia, como o demonstra a história humana e explicitam os antropólogos e aqueles que pensaram seriamente sobre quem é o homem, as pessoas não conseguem abafar totalmente o desejo de compreender o sentido da própria vida e este emerge vez por outra quando a armadura social colocada para barrá-lo apresenta algum ponto fraco. São os momentos inesperados em que não é possível “distrair-se”, mas, antes, a vida, pelas situações que apresenta, pede “concentração”.

Por outro lado, o que sempre intrigou o ser humano foi a diversidade da realidade, a diversidade dos entes. Procurando o ser o homem encontra o ente. Na busca do “que permanece enquanto tudo muda” os seres humanos estão à procura da unidade do ser que pensam estar presente nos entes. Estão à procura do *quid*, do conceito. De fato, encontramos diversos tipos humanos, muito variados física e

psicologicamente entre si; todavia, somos capazes de distingui-los como seres humanos. Somos capazes de encontrar uma *humanidade*, de tal maneira que uma situação que se afaste desse conceito nos levará a não reconhecermos com humano o ente que não contenha os atributos do conceito humano. Dessa forma, o conceito é o que nos permite compreender a realidade e entrar em comum união com ela.

Mas, porque os seres humanos procuram entrar em comunhão com a realidade e para isso valem-se do conhecimento? Esta pergunta equivale a perguntar o que é o homem e porque age assim. Equivale, portanto, a procurar o conceito de homem.

Uma primeira constatação é a de que temos em nós um desejo de conhecer a realidade, de compreendê-la, de tê-la conosco, de entrarmos em comunhão com ela, de sermos capazes de criar unidade e viver desse modo com a realidade e, por isso, procuramos mudar as situações em que nos encontramos, adaptando-as aos nossos desejos.

O desejo de perfeição, de tornar o real adequado à imagem perfeita que dele fazemos é outra característica constitutiva do ser humano. É o desejo de encontrar no mundo fático o conceito perfeito existente no pensamento.

Em contrapartida, ou melhor, em consonância com o desejo de perfeição possuímos o medo e fugimos da corrupção, entendida como o rompimento da perfeição. E como a morte do ser é a corrupção máxima desejamos evitá-la aspirando à eternidade.

Corrupção também é falta de sentido nos relacionamentos consigo mesmo, com os outros e com a natureza e por isso sempre procuramos o sentido último, a razão das coisas, incluído nessas “coisas” nosso agir, nosso sentir, nosso pensar. Temos que sempre ter uma razão que justifique nosso ser e nosso agir e isto é o sentido que atribuímos à existência e à ação.

Como é inelutável essa aparição, vez por outra, da pergunta sobre o sentido da vida surgem respostas a ela e podemos considerar entre estas respostas duas grandes formas que chamarei de a) imprudentes e b) prudentes.

Perguntar imprudentemente

Como formas imprudentes podem ser consideradas aquelas que ao procurar responderem qual seja o sentido da vida o fazem de forma a negar a existência de qualquer sentido ou apresentam um que seja inadequado à manutenção dessa mesma vida da própria pessoa ou de outro.

Uma visão de mundo fundada no relativismo e no niilismo contribui para essas respostas imprudentes. É fonte segura de expansão de um desânimo – ausência de ânimo – entre as pessoas e caldo cultural propício até mesmo ao suicídio, que é, nesse contexto, a declaração radical do sem sentido da vida.

Essa raiz de relativismo e niilismo produz árvores frondosas e cheias de frutos em diversos ambientes sociais e, de modo especial, no mundo acadêmico. A proibição de afirmações com alcance universal, a censura à apresentação de identidades claras no diálogo acadêmico, são expressões da fuga à busca de verdades que, mesmo provisórias, possam ser compreendidas como norteadoras de modos de ser e conviver.

Como forma mais sofisticada de abordagem do sentido da vida, sem o concurso da própria pessoa como sujeito responsável, aparecem as “metodologias” de descoberta de sentidos latentes existentes no ser e no agir humanos, sentidos estes ignorados até mesmo pelos próprios sujeitos que os manifestam. Surge a figura do interpretador de sentidos que os descobre a despeito dos sujeitos, graças a esquemas interpretativos do ser humano.

Reapresentam-se, assim, sistemas classificatórios dos seres humanos, utilizados para ordenar a realidade conforme estruturas de poder que se consolidam pelo pressuposto uso de um conhecimento válido.

Atinge-se um estágio em que a própria pessoa é desautorizada de manifestar o significado que atribui a própria vida sem que seja chancelada pelo autorizado interpretador de sentido.

E como já alertava Michel Foucault em sua obra *Vigiar e Punir*, o poder social, nos dias atuais, é exercido não mais pela coerção física, mas pelo domínio sobre a identidade de cada pessoa, dizendo quem ela é, ou seja, qual é o sentido da vida dela.

Desse modo, quando o setor comercial de uma dada sociedade diz para uma pessoa que ela será alguém com sentido para a vida só e quando comprar determinado produto, esta pessoa, dominada por esta auto-visão adquirida, procurará efetivar esta compra para preencher de sentido a própria vida.

Confunde-se, desse modo, o que seja felicidade, alvo de todo ser humano. Esta passa a ser vista como sucesso, que é conseguir o que se busca, ao invés de felicidade autêntica, que é gostar do que já se tem. A busca é infundável e o sucesso pode ser obtido continuamente; todavia, a felicidade – gostar, usufruir, o que já se tem – não é atingida quase nunca.

O homem, prisioneiro deste ciclo – desejo, procura, sucesso, novo desejo, nova procura, novo sucesso, que não satisfaz – não experimenta a felicidade, pois perde a capacidade de contemplar aquilo que já tem ou que já é e não vivencia a paz, a alegria, a felicidade, enfim.

Pode-se dizer, então, que a busca de um sentido global para a vida é substituído por metas parciais que vão, a cada dia, distraindo a pessoa e alienando-a aos produtos com os quais procura responder ao anseio de significado pleno.

O resultado são pessoas frustradas em seu anseio mais profundo e intenso de descoberta de um significado pleno e totalizante para toda a vida e não apenas para dimensões parceladas de suas vidas. Essa forma, portanto, de resposta à procura pelo sentido da vida pode ser considerada imprudente, tendo em vista que não leva em conta a totalidade dos fatores presentes no desejo das pessoas.

Perguntar prudentemente

Podemos encontrar uma forma prudente de perguntar sobre o sentido da vida? Penso que sim.

Em primeiro lugar é preciso levar em conta o que dizem as culturas milenares sobre o perguntar. Dizem elas que ao se fazer uma pergunta acreditamos que haja uma resposta e até mesmo já vislumbramos algo da resposta. Desse modo, quem pergunta sobre o sentido da vida de forma prudente tem a esperança de encontrar uma resposta. E quem suscita esta reflexão de forma prudente é aquele que já encontrou esta resposta e deseja partilhar com os demais.

Assim, quem descobriu um sentido para a própria vida e esse sentido passa pelo teste de universalização, isto é, pode ser proposto validamente para qualquer outro ser humano, pode suscitar a reflexão sobre o sentido da vida.

Desse modo, uma primeira indicação para a compreensão do sentido da vida é procurar descobri-lo em uma companhia humana capaz de partilhar as descobertas sobre o sentido da vida.

A primeira e inelutável companhia é a dos progenitores, ou seja, a daqueles que nos legaram a vida. Quando estes permanecem em companhia daquele que nasceu

isto pode ser uma riqueza humana imensa. De fato, os pais quando procuram manter a vida do filho já estão, mesmo sem discursos expressamente articulados, comunicando um sentido valorizador da vida. A vida do filho é algo pelo qual os pais sacrificam-se, trabalham, lutam. Logo, é algo de valor; a vida vale por si mesma. A pessoa viva do filho vale todo o esforço dos pais para mantê-la.

O sentir-se desejado pelos pais, o sentir-se amado, contribui para que o filho possa desenvolver uma consciência da própria identidade como algo de valor, algo digno de existência.

Esse casal humano só passará ao filho estes valores se os tiverem experimentado em suas famílias e estas regressivamente, ou seja, em uma experiência de povo, entendido como conjunto de pessoas que compartilham dos mesmos valores, da mesma visão de mundo e da mesma perspectiva de história.

Em outras palavras, é no encontro com uma Tradição que pode ser constituído um ethos que valorize a vida considerando esta como um valor em si mesma.

Entretanto, a constituição de um povo tem em sua origem o encontro com um Primeiro Originador. A história dos povos registra a menção a um fundador, originador, que é considerado o fundante do povo.

É próprio da razão humana efetivar este raciocínio quando pensa globalmente: se eu não dei origem a mim mesmo, quem me deu? E a meus pais, e a meus antecessores?

De fato, as grandes religiões que procuram falar desse fundante, o consideram como o gerador da vida, como o Pai do qual nos originamos.

E porque este Pai nos gerou? Porque nos quis, porque nos amou, porque nos quis vivos.

É possível descobrir, desse modo, um sentido de valorização positiva da vida humana, quando o pensamento é radical, global e rigoroso, características estas do pensamento filosófico. Pensamento filosófico que faz falta, hoje, no ambiente acadêmico tão fragmentado em suas pesquisas e estudos e que não consegue buscar a totalidade dos fatores presentes nas diversas situações.

As pessoas que nascem em um contexto que valoriza a vida experimentam cotidianamente que o ser vivo é algo bom pelo qual é válido dispender todo esforço possível.

Essa experiência de ser querido, de ser amado, conforma a identidade pessoal e é fonte de manutenção de uma cultura que encontra um sentido positivo para a vida humana.

Portanto, uma educação que busque o desenvolvimento dos atributos humanos que colaboram para a vida em sociedade e que ajude a perpetuar a vida pode e deve suscitar a pergunta sobre o sentido da vida. A condição necessária é que os educadores que o façam tenham tido a experiência da descoberta desse sentido e o tenham vivenciado com algo bom e cheio de esperança realista a qual não deixa de ver as dificuldades, mas as consideram ocasiões de luta e vida. Podemos e devemos, portanto, suscitar a pergunta prudentemente.

Recebido para publicação em 19-11-10; aceito em 08-12-10